

71

A. LOSOVSKY

Os Sindicatos e a Revolução

Discurso pronunciado no Congresso da C. G. T. U.
em Saint-Etienne em Junho de 1922



EDIÇÃO DE A INTERNACIONAL
Calçada da Graça, 12 — Lisboa
1924

O discurso que publicamos difere, em alguns pontos, do que foi pronunciado em Saint - Etienne. Sobretudo, é mais longo. E' o discurso que o nosso camarada Lozovsky preparára e contava pronunciar no Congresso. Mas, apertado pelo tempo, contrariado pela necessidade de se exprimir numa lingua que não era a sua, Lozovsky teve que introduzir, durante a viagem, algumas modificações no seu plano.

Abreviou-o, receando demorar muito tempo os delegados. Felizmente, antes tomára a precaução de escrever o seu discurso em russo. Fizemo-lo traduzir, pelo que estamos em condições de dá-lo na sua versão original e completa.

(Da edição franceza)



Os Sindicatos e a Revolução

Camaradas:

E' com profunda emoção que subo á tribuna d'este Congresso. Peço-vos que acrediteis que esta emoção não provém de que, á porta da rua, me esperem os espiões da republica e da democracia. Estes respeitaveis cavalheiros estão sempre prontos a perseguir e a lançar-se sôbre aqueles que se permitem, sem sua autorisação, atravessar a linha sagrada, a fronteira da «feliz e livre França», que a separa do resto do mundo. Façam esses senhores o seu trabalho, que nós ocupamo-nos do nosso.

A minha emoção provém da felicidade, depois de cinco anos—e que anos!—de tornar a ver os representantes do movimento sindical revolucionario francês, com os quais mantive, outr'ora, relações muito estreitas, muito intimas, e que deixei, em Maio de 1917, no momento em que o movimento sindical começava a desenhar-se. Desde o mês de Outubro de 1914 trabalhei com Monatte, Rosmer, e tambem com o «finado» Merrheim, no renascimento do movimento sindical revolucionario neste país. Sob os meus olhos se deram os primeiros passos, se constituíram e desenvolveram os primeiros nucleos; compreendeis, pois, facilmente a emoção e o interesse que experimentei ao encontrar-me novamente neste meio depois de ter vivido, durante cinco anos, na fornalha da grande Revolução russa.

Em primeiro lugar permiti-me que exprima ao proleta-

riado da França, de que sois aqui os representantes, as saudações e os votos mais ardentes da Internacional Sindical e dessa classe operaria que se mantém na vanguarda da luta internacional das classes, esperando que venham sustentá-la e reanimá-la, esperando que Marty e Badina, que tam queridos são de todo o proletariado da Rússia, encontrem imitadores. Os nossos operarios revolucionarios conhecem a historia das nossas lutas de classes e esperam que o proximo futuro do proletariado francês seja digno do seu passado revolucionario.

Antes de expôr o ponto de vista da Internacional Sindical e dos sindicatos russos, no que respeita á tarefa do movimento sindical internacional, para evitar mal entendidos, queria fazer realçar que não vim aqui de improviso, e sem convite, simplesmente para formular votos, felicitações e frases despidas de toda a significação.

Se o meu fim se limitasse a isso, não mereceria a pena empreender uma tam longa viagem. Não, não é esse o meu fim. Estou aqui para me explicar convosco com toda a clareza necessaria e sem nenhum equivoco, e falo em nome da Internacional Sindical e dos sindicatos russos; espero, pois, que não me leveis a mal se, em lugar de pronunciar frases vãs, exprima por completo o meu pensamento, as nossas opiniões, as nossas dúvidas, as nossas inquietações e os nossos cuidados. E se, expondo o meu ponto de vista, pronunciar palavras mais vivas ou improprias, peço-vos que acrediteis que não tenho a intenção de magoar ninguém, e que se uma palavra um pouco mais aspera puder escapar-me, é consequencia dum insufficiente conhecimento da vossa lingua; por vezes emprego, em lugar da palavra que procuro, a que me surge; além disso, a rudeza da palavra favorece muitas vezes a clareza e á honestidade do pensamento. Eis o que vos peço que imagineis quando, procurando exprimir o que tenho no pensamento, submeter á tortura o vosso belo idioma.

Estado actual do mundo capitalista

E' impossivel definir a nossa tarefa sem primeiro ter determinado o estado actual da economia capitalista, quadro e terreno da luta para o proletariado internacional. A guerra, como se sabe, era destinada a fortificar o capitalismo; na realidade vibrou-lhe um golpe mortal. Até os politicos burgueses mais argutos—raça que não existe na Ilha dos Pinguins—são obrigados a reconhecer que entrámos no periodo de dissolução das forças capitalistas. Não é em vão que os homens mais em evidencia da sciencia, nos diferentes países, sobretudo na Alemanha, escrevem neste momento grandes volumes para anunciar o «crepusculo da civilização europeia», a queda da cultura e a invasão dos barbaros. Sob

este nome de «barbaros», certamente não duvidêis, designa-se o proletariado revolucionario que pretende arruinar a cultura *burguesa* para edificar, sôbre os seus escombros, a cultura proletariana, uma civilização proletariana. Estas lamentações a respeito dum «crepusculo» da civilização constituem a expressão ideologica da dissolução economica, da destruição dos laços capitalistas, que começou com a guerra e chegou ao seu ponto critico durante a grande Revolução russa. Quais são pois os sintomas da doença do regime actual?

A instabilidade de todas as relações economicas, uma inflação verdadeiramente louca das dividas públicas, impostos intoleraveis, uma crise industrial que cresce incessantemente, um «krach» financeiro que ameaça por igual vencedores e vencidos, a desorganização das trocas internacionais. Todo o organismo capitalista está exposto a convulsões e procura resolver a crise. Uns vêem um expediente no processo que consiste em fazer pesar sôbre a Alemanha todas as responsabilidades da guerra e da crise; outros julgam necessario fazer recair sôbre a Russia uma parte dos encargos que comporta a reconstituição da Europa; isto é, trata-se de alimentar no sangue russo o foco capitalista prestes a extinguir-se.

As dificuldades financeiras e economicas provenientes da guerra tornaram a Europa devedora da America, que cada vez mais se converte em centro da vida economica. A crise é ainda complicada pelo sistema de reparação e pela politica de desmembramento dos Estados que saíram do tratado de Versailles. A burguesia inglesa, vendo que a politica das reparações conduziria a Alemanha á ruina e á revolução proletariana, procura um compromisso; quer conservar a galinha dos ovos de ouro; na Ilha dos Pinguins, ao contrário, pretendem apoderar-se imediatamente dos ovos de ouro, e para isso não se hesitaria em matar a galinha, se fôsse possivel.

No mundo ensanguentado e esgotado pela guerra, a Revolução russa precipitou-se impetuosamente, com toda a violencia dos elementos. Desde o inicio esta Revolução colocou a questão de se saber a quem de futuro pertenceriam os recursos do país: á burguesia ou ao proletariado? A Revolução russa abriu uma época de revoluções e de transformações sociais cuja duração é difficil de determinar. Mas pode dizer-se que será um periodo historico dos mais importantes: será a passagem do capitalismo para o socialismo; e este movimento deve prolongar-se até que a revolução social se aposses dos principais países da Europa.

Mas o que é a revolução social? Porque se distingue de todas as revoluções conhecidas até hoje? A revolução é uma transformação pela violencia, das instituições, do sistema e da forma do governo. A Revolução é puramente politica

quando põe, no lugar dum grupo que detinha o poder, outro grupo qualquer da sociedade. Quando não atinge as bases da sociedade contemporânea, é uma revolução política. Mas torna-se social quando abala a própria base da economia capitalista: a propriedade privada. Para o cumprimento desta obra, é necessário que o poder, isto é a possibilidade de dispôr de todos os recursos do país, passe para as mãos duma nova classe. O socialismo, nestas condições, sai do domínio da teoria para achar as suas aplicações práticas. A classe que acaba de derribar a burguesia é obrigada, no interesse da sua própria conservação, a tomar uma serie de medidas que afastem a sociedade do capitalismo e a aproximem do socialismo. Propositadamente me exprimo duma maneira tam prudente, com o fim de mostrar que é impossível realizar o socialismo num Estado isolado; em primeiro lugar é preciso desbravar o caminho; para a sua realização, para a sua vitória completa, o socialismo deve estender-se necessariamente a um vasto quadro internacional. Eis porque a Revolução russa adquiriu desde o primeiro momento uma significação internacional. *A revolução social deve sair do quadro nacional sob pena de ser sufocada.* Esta verdade conhecem-a perfeitamente o proletariado russo, o seu partido comunista e os seus sindicatos; é igualmente conhecida da burguesia internacional; infelizmente não se pode dizer que as massas e muitas vezes até a vanguarda do proletariado internacional a assimilassem suficientemente.

A Revolução russa e a burguesia internacional

Desde que a Revolução de Outubro ficou vitoriosa, desde que se soube, no mundo, o que se passava na Russia: as terras confiscadas aos seus proprietários, as fábricas, as oficinas e os bancos expropriados, as dividas internas e externas anuladas, o poder passado das mãos da burguesia para as dos operários e dos camponeses,—desde que se soube tudo isso, o mundo burguês ergueu-se como um só homem contra «os facinoras e os usurpadores». A grande imprensa foi acometida de loucura furiosa, duma especie de *delirium tremens*. Todos os cavaleiros do direito e da justiça,—este é, não o ignoraís, o pseudonimo de todos os cavalheiros de industria,—declararam que a Russia sovietica se havia colocado fóra da lei e entenderam-se entre si para sufocarem o levantamento dos proletários da Russia.

A aliança da burguesia internacional e dos contra-revolucionários russos foi selada nos campos de batalha. Durante longos anos, deram-se á empresa de separar o territorio da Russia sovietista, bocado a bocado, e estabeleceram neles go-

vernos de todas as especies, desde os dos socialistas revolucionarios até os dos Cem Negros.

Estes governos começaram por fazer aos representantes da França e da Inglaterra uma promessa escrita de pagar as dividas e de oferecer aos «salvadores» da Russia uma serie de grandes concessões. Ao mesmo tempo que se organizavam assim para sufocar a Revolução russa, entravam em luta com o movimento revolucionario que se esboçava nos países da Europa.

Levado pelos resultados da guerra, o operariado começava a agitar-se em todos os países, formulando exigencias. A colera das massas populares, como um bramido de tempestade, elevava-se surdamente até aos píncaros da vida social. E a agitação atingia o auge.

Desde o fim da guerra até meados de 1920, a burguesia de todos os países foi atacada por uma febre de reformas. O proprio Senado da Ilha dos Pinguins, e por aqui se pode aquilatar da intensidade dessa febre, se activou e votou a terrivel lei das oito horas. Era necessario fazer concessões para aplacar a onda crescente da colera proletariana, recuando para conservar o poder e as posições que dominavam a situação economica; mal a guerra tivesse decrescido, poder-se-ia passar de defensiva á ofensiva.

Tal era o plano da burguesia, plano que ela realizou brilhantemente, façamos-lhe essa justiça. Esta retirada foi executada o melhor possivel, porque a burguesia não sómente dispunha das *suas forças*, maravilhosamente organizadas, mas tinha sob as suas ordens todo o reformismo internacional, que se encontra á frente das mais importantes organizações operárias.

O reformismo internacional e a revolução social

O reformismo consiste essencialmente em negar a revolução. Uma transformação lenta, gradual do organismo social e governamental, por meio de reformas sociais, deve conduzir sem abalos a sociedade ao mais alto grau de cultura e de bem-estar.

A revolução, segundo esta doutrina, seria uma desordem no processo de produção, um desperdicio de forças na guerra civil e um enfraquecimento do organismo nacional perante os inimigos do exterior. O problema seria, pois, encontrar e assinalar os interesses comuns do capital e do trabalho, e realizar uma transformação pacifica baseada na comunidade de interesses de *todas* as classes da população. Tal é a teoria do reformismo.

O que os reformistas fazem na prática é conforme ás suas teorias, manda a justiça dizê-lo Durante a guerra o re-

formismo foi o companheiro militante da burguesia e, depois da guerra, os reformistas de todos os países uniram-se para combater a revolução social que tomava a ofensiva. O *Bureau* Internacional do Trabalho junto da Sociedade das Nações e a Internacional de Amsterdam foram, pelo mesmo título, os instrumentos da contra-revolução burguesa e convem notar que os quadros essenciais d'este exército operário pela sua composição social, mas anti-operário e contra-revolucionário por seus fins e esforços, são formados de sindicatos. E se se seguir atentamente a história das lutas de classes destes três ou quatro últimos anos, ver-se há que as mais importantes manifestações da vontade operária (grêves na Inglaterra, apropriação das fábricas em Italia, grêves monstruosas em França) foram definitivamente quebradas pelos proprios operários que representavam sindicatos e partidos reformistas.

¿Como explicar este facto realmente monstruoso sob o ponto de vista da nossa classe? ¿Como explicar esta traição do operário para com o operário, e esta aliança duma parte da classe operária com a burguesia contra outra parte da classe operária? ¿A traição dos chefes é explicação sufficiente? Seria conceder um valor muito grande a êsses chefes se pensássemos que o exito das lutas de classe durante estes últimos anos *só depende deles*.

Não, os chefes reformistas só fizeram reflectir e determinar nas suas formas o poder da burguesia sobre o proletariado. O proletariado não é sómente a classe do futuro, é também a classe essencial do presente capitalista. Foi com os seus ossos, com o seu sangue que se construiu o edificio grandioso da industria capitalista.

Unico criador de valores, o proletariado vê a incarnação do seu trabalho no engrandecimento da industria nacional. O desenvolvimento e o engrandecimento da industria darão a possibilidade de elevar os salarios e de melhorar as condições do trabalho.

No espirito das grandes massas, a prosperidade e desafogo da industria estão intimamente associados com os interesses do trabalho. A escola, a literatura e a imprensa burguesa servem para formar estes sentimentos: vem assim a preferir-se patrioticamente os capitalistas do proprio país aos do estrangeiro; a luta pelo mercado internacional toma o character duma luta pela civilização e pela cultura. Entre os interesses de hoje e os de amanhã primam aqueles. Daí vem também a desconfiança, daí todas as suspeitas acerca das transformações bruscas, das revoluções.

O operário medio, educado pela imprensa burguesa e penetrado de prejuizos burguezes, regeita a revolução, porque desarranja a sua vida normal. A revolução é o desconhecido, o incerto. A vitoria não é garantida antecipadamente. Cor-

re-se sempre o risco de perder a tranquilidade. Os cerebros de milhões de operarios encontram-se inteiramente em poder das ideias burguesas. Se se der uma forma concreta a todas estas apreensões, se se procurar o fundamento teorico que permite preferir os interesses de hoje a todos os outros, se se procurar a fórmula desta ligação historica e temporaria da classe operaria com o capitalismo,—chega-se ás teorias e á prática do reformismo que, a despeito das diferenças muito notadas de país para país, tem sempre e por toda a parte um caracter comum: *prefere a reacção social á revolução social.*

O reformismo é a filosofia do conservantismo operario, e é perfeitamente natural que o reformismo nacional tenha declarado uma guerra sem treguas á revolução social, *tanto no interior como no exterior.* O papel dos chefes reformistas, na luta contra o movimento revolucionario e na conservação das bases da sociedade contemporanea, foi reconhecido dos mais efectivos pelos representantes responsaveis da burguesia internacional.

Não foi em vão que Jouhaux, Appleton e Gompers foram admitidos a participar na construção do grande edificio que se conhece sob o nome de Paz de Versailles. E não foi em vão que o rei da industria alemã, Stinnes, baptisou um dos seus novos e grandes navios com o nome de *Karl Legien!* Não me admirarei se, na Ilha dos Pinguins, uma fábrica de gases asfixiantes, receber o nome de Merrheim, denominação que seria muito bem apropriada em razão da actividade literaria bem conhecida do titular.

Em todo o caso, os dirigentes do movimento reformista merecem que se lhes erija um monumento colectivo com esta inscrição:

«Aos *leaders* do movimento operario, a burguesia reconhecida».

Pela sua teoria e pela sua prática o reformismo está colocado na primeira fila na luta contra a revolução social em geral e contra a revolução russa em particular. O reformismo internacional conduz a luta sob a bandeira do socialismo democratico e duma igual liberdade para todas as classes da sociedade,—os instrumentos de produção e de troca permanecendo, bem entendido, nas mãos da burguesia.

Dois canhões gigantes são assim dirigidos contra a Revolução russa: num vê-se esta inscrição: «A propriedade privada é intangivel,—abaixo a ditadura *de classe*»; no outro: «O socialismo democratico grita: «abaixo a ditadura!» Estes dois canhões, embora ostentem divisas diferentes, visam e sempre visaram o mesmo fim: contra o govêrno sovietista, contra o proletariado russo,—isto é, contra a Revolução social russa.

O anarquismo internacional e a Revolução russa

A Revolução russa conquistou profundas simpatias nas grandes massas do proletariado internacional. Em geral as massas operarias não sabiam o que se passava na Rússia, mas, guiadas seguramente pelo seu instinto de classe, saudaram com fervor a Revolução que excitava o odio furioso das burguesias internacionais e dos seus lacaios reformistas. Todos os elementos revolucionarios do movimento operario mundial, reflectindo o estado de alma do proletariado cuja vaga se levanta, saudaram a Rússia soviética e a sua grandiosa empresa.

O fim de 1917 e os anos de 1918-1919 foram celebrados por manifestações em honra da Revolução russa. Os anarquistas e as organizações sindicais que se ligam mais ou menos ao anarquismo, não sómente demonstraram as suas simpatias, mas provaram-nas praticamente ligando-se á III Internacional Comunista. O Congresso dos sindicalistas revolucionarios de Espanha, a União sindical italiana, a minoria da Confederação Francesa do Trabalho, os I. W. W., os sindicatos da Argentina e do Mexico, numa palavra cinco organizações sindicais revolucionarias se filiaram antes do fim de 1920, na Internacional Comunista. Borghi vai a Moscow, Pestaña faz o mesmo, e nenhum desses homens *pronuncia uma só palavra* contra a ditadura do proletariado, contra o govêrno soviético, etc. Compreenderam que a Rússia soviética incarna a Revolução social e que o melhor meio de critica e de emulação entre revolucionarios seria procurar mais elevadas realizações e convencer pela experiencia os operarios dos outros países da superioridade dos metodos e do sistema de luta empregados. Compreendiam então tudo isso.

Mas, depois de 1920, aparece uma fenda que cada vez mais se alarga entre a Revolução russa e o anarquismo internacional. Todo o ano de 1921 e os primeiros seis meses de 1922 são assinalados por manifestações hostis a respeito do Estado soviético, de toda a ditadura, da politica interna e externa dos Sovietes, dos sindicatos russos, da Internacional Comunista e da Internacional Sindical Vermelha.

Examinemos objectivamente as causas destes ataques, cujo caracter se agrava sem cessar. Antes de tudo é necessario salientar que o anarquismo começa a orientar-se contra os Sovietes e tudo o que provém da Rússia, depois duma serie de derrotas sofridas na luta do proletariado europeu. O insucesso do movimento de 1920 em França, o desastre sofrido pelos operarios italianos depois que se apossaram das fábricas, as atrocidades do terror branco em Espanha após

o imenso movimento que levantou os operários deste país, —são fenômenos da mesma ordem que demonstram que o fluxo do movimento operário parou por algum tempo e que até começou um certo refluxo.

Da defensiva, a burguesia passa á ofensiva. A derrota dos operários semeou o desalento e a decepção, e a Revolução russa foi a primeira a sofrer as tristes consequências desse estado de coisas. Depois de ter sido vencido no seu país, Borghi começa a descobrir um grande numero de defeitos na Rússia soviética, e acreditava-se verdadeiramente que antes, tudo marchava á maravilha e que o céu dos Sovietes não tinha uma nuvem a ensombrá-lo.

Porque é que Borghi e os seus partidários não fizeram melhor nos seus países? Não estavam numa posição melhor do que a nossa, porque já sabiam como *não convém* fazer a revolução social? Porque não fizeram nada? Responder-me hão:

Porque os reformistas traíram, porque a Confederação Geral do Trabalho não aceitou conduzir a luta revolucionária, etc.—Mas era preciso prever o que se passou: os reformistas existem para trabalhar em proveito da burguesia,—é o seu mister. Não ha a menor duvida que, depois do fim de 1920, os revezes sofridos nos diferentes países engendraram um pessimismo que, duma maneira geral, é bem compreensível.

¿Que ideia faz o operário medio da Revolução social? Sabe que, na Rússia Sovietista, baniram os capitalistas, que os operários se apossaram das fábricas e das oficinas; e pensou que, de futuro, na Rússia, deviam reinar a prosperidade e o bem-estar absolutos, que a luta do proletariado russo o libertava, a êle, espectador, da necessidade de combater intensivamente a sua propria burguesia. Ora, a experiencia demonstrou que a revolução exigia os maiores sacrificios da parte da classe operária da Rússia, que o proletariado de todos os países devia empenhar-se numa luta árdua, que a revolução social e o socialismo não eram a mesma coisa, que o periodo de transição do capitalismo para o socialismo era assinalado por uma luta furiosa pela existencia que exigia de cada proletario em particular, e de toda a massa, uma energia de ferro e um espirito de sacrificio ilimitado. O que se vê na Rússia é ainda a fome, a miséria—dizem alguns revolucionarios:—é, sem duvida, por empregarem um mau metodo na sua luta, é porque lá impera uma ditadura e se criou um governo, é por causa do centralismo, é porque a politica sobrepuja a economia. Se o proletariado russo agisse segundo as nossas *teorias*, a Revolução russa prosseguiria vitoriosamente o seu caminho e nós, nos nossos países, não teriamos que sofrer multiplas derrotas. Tal é a origem do protesto que aumenta sem ces-

sar contra a teoria e a prática da Revolução russa; mas não é a única, há outra: quero falar do papel e da situação do anarquismo russo e do sindicalismo anarquista na Revolução russa.

O anarquismo e a Revolução russa

A revolução é um campo maravilhosamente apropriado para aplicar a teoria revolucionária e para verificar a sua precisão. O desenvolvimento em extensão e profundidade da Revolução russa, dá a todas as correntes do pensamento socialista e anarquista a possibilidade de se manifestar. Os mencheviques, os socialistas revolucionários, os anarquistas e os sindicalistas-anarquistas, de todos os matizes, assim como os bolchevistas, cada um pôde demonstrar a sua teoria pela prática. Qual foi o resultado? Ei-lo:

Antes da Revolução de Outubro, os anarquistas e os comunistas marcharam por vias diferentes, para o mesmo fim, a derrota da burguesia e do governo de coligação. Mas apenas derrotado o governo levantaram-se sérias dissensões que não podiam deixar de provocar um conflito armado. Em que consistiam estas dissensões?

Os princípios formulados pelos anarquistas consubstanciavam-se nisto: 1.º Cada *comité* de fábrica ou de oficina torna-se o *patrão* da empresa e o proprietário das matérias primas, assim como das mercadorias que aí se encontram; 2.º Cada um destes *comités* tem o direito de expropriar quem quiser (critério individualista); 3.º O regime local é absolutamente independente do centro; 4.º Abaixo o serviço obrigatório no exército vermelho! Este deve ser substituído por destacamentos de voluntários; 5.º Autonomia completa e independência de cada destacamento de partidários; 6.º Luta contra o governo e os órgãos por êle criados; liberdade individual absoluta de fazer o que se quiser, quaiquer que seja a vontade da colectividade.

¿A classe operária da Rússia, que tinha pago com o seu sangue a queda da burguesia, podia aceitar esta doutrina? De maneira nenhuma. Isso significaria que em menos duma semana sofreríamos uma derrota na luta contra os inimigos internos e externos, o que nos custaria *cem mil* cadáveres de trabalhadores. Desde o início, emitimos a opinião de que os *comités* das fábricas e oficinas eram os mandatários da colectividade; que uma descentralização extrema não permitiria utilizar todos os recursos do país, e que a luta contra o mundo capitalista inteiro se tornava impossível sem o Exército Vermelho.

¿Como poderiam resolver-se tais conflitos em tempo de revolução? A revolução—disse um francês inteligente—é uma ideia que encontrou espingardas; e como cada ideia, em tem-

po de revolução, dispõe de espingardas, a pendencia devia ser liquidada pelas armas. Foi assim porque, em tempo de revolução, no momento em que a classe operaria estava rodeada de inimigos, não podia permitir-se o luxo de vãs discussões; cada hora perdida podia custar centenas e milhares de vidas, toda a solução mal apropriada ás circunstancias tinha a sua repercussão imediata em todo o país. Vós podíeis pagar este luxo das discussões abstratas porque sabíeis que, das vossas discussões, infelizmente nada saíria de prático; mas nós não tínhamos o direito de fazer experiências no corpo da classe operária.

Para se avaliar a verdadeira situação entre nós, basta ter em vista o que ségue: Os anarquistas tinham a possibilidade de aplicar as suas teorias no sul da Rússia, onde a sublevação ligada ao nome de Makhno se efectuava sob a bandeira da anarquia. O sindicalista-anarquista Vóline foi durante algum tempo chefe do estado maior de Makhno. Sob o império de Makhno estiveram, durante um certo período, provincias inteiras e cidades importantes, como por exemplo Ekaterinoslav. E qual foi o resultado? Todo o anarquista honesto e sério nas suas ideas é forçado a reconhecer que o movimento de Makhno degenerou em banditismo vulgar.

Quando Makhno ocupou Ekaterinoslav, começou por dissolver o soviete dos deputados operários e nomeou um comandante da cidade. Em tórno d'ele reuniram-se individuos suspeitos que ilustraram as suas vitórias com programas anti-judeus. Dezenas de milhar de proletários judeus foram mortos pelos destacamentos de Makhno. Este e os grupos anarquistas que o sustentaram deixaram alguns traços duma melhor organização, duma ordem social mais perfeita? Não, nada deixaram, salvo inumeraveis resoluções. Para quê? Porque queriam vencer um inimigo organizado e armado segundo a técnica mais moderna, e queriam-no sem o auxilio da organização, sem disciplina.—E emfim, porque nasceu, se desenvolveu e manteve o movimento de Makhno no meio-dia da Rússia, principalmente nas provincias de Tauride e de Ekaterinoslav? Porque, nestas provincias, havia uma maioria muito forte de camponeses ricos que lutaram nos destacamentos de Makhno pela divisa: liberdade do comércio e repartição de terras; isto é, lutaram por uma restauração segundo o espirito pequeno burguês.

E' curioso notar que na Ucrânia, onde havia uma forte classe rural existiam livres distritos de camponeses que declaravam, durante a guerra civil, não tomar partido nem pelos «vermelhos», nem pelos «brancos». Exigiam que uns e outros os deixassem sossegados. Quando os «vermelhos» os deixavam em repouso, viam vir os «brancos» que os feriam a coronhadas sem treguas. Depois de cada lição d'este género, todos os homens passavam para o lado dos «vermelhos».

Seria extremamente injusto englobar na mesma apreciação todos os anarquistas e sindicalistas-anarquistas. Não, milhares e milhares de operários anarquistas e sindicalistas-anarquistas recusaram-se a seguir as teorias abstratas e lutaram em estreita união com os comunistas, em todas as frentes. Eis como êles raciocinavam:

Certamente, o nosso ponto de vista é mais justo e a sociedade que queremos constituir é mais perfeita; mas, *por agora*, os melhores elementos da classe operária lutam e sacrificam-se combatendo contra os inimigos da nossa classe. O nosso lugar é onde se trava combate pelas nossas ideias comuns. E muitos dentre êles que não eram comunistas suportaram, com todo o conjunto de proletariado, todo o peso da luta. Foi a fraternidade sob as armas. ¿Porque não se interessam os anarquistas da Europa por esta categoria *muito mais numerosa* de homens que partilham as suas ideias de ontem? ¿E' possível que a experiência da revolução e a prática de muitos anos de luta devam recuar perante fórmulas abstratas?

O Estado burguês e o Estado proletário

Evidente põe-se a fórmula acima de tudo. Isso ressalta particularmente da inacreditável confusão que se criou em torno da noção de Estado. Que é o Estado? E' um aparelho de violência e opressão de que se serve uma classe contra outra. O Estado não é uma categoria metafísica abstrata que constituísse um mal por ela própria. O estado burguês em nada prejudica a burguesia.

¿Porque devia, então, o Estado proletário voltar-se necessariamente contra os operários? Porque, respondem, o Estado não pode ser proletário. Examinemos se é assim.

E' duvidoso encontrar-se um homem razoável que julgue suficiente expropriar e banir a burguesia para que imediatamente a prosperidade e o bem-estar reinem em todos os lugares. A grande burguesia será sem dúvida esmagada; mas ficarão numerosos grupos da sociedade em ligação com ela, e destes grupos fará parte a pequena burguesia. A luta de classes não parará; tomará o caracter duma guerra civil. Para vencer, o proletariado será forçado:

- 1.º A organizar a sua defesa contra os inimigos do interior e do exterior;
- 2.º a vigiar se as decisões tomadas por êle são executadas sem réplica por todos;
- 3.º a lutar contra a sabotagem dos funcionários, dos representantes das profissões liberais, do pessoal técnico e dos operários que não se libertarem da influencia das ideias burguesas;
- 4.º a organizar sistematicamente a produção sem levar em conta pequenos interesses locais e corporativos;
- 5.º a organizar a repartição dos produtos e das mercadorias segundo o interesse dos

trabalhadores e não dos elementos parasitas; 6.º a estabelecer o serviço do trabalho *forçado* para os ociosos; 7.º a ocupar-se duma organização racional da instrução pública, sem esquecer que a maioria do pessoal docente das escolas superiores, secundárias e mesmo primárias tomará partido contra a revolução social; 8.º a organizar os transportes por caminhos de ferro e vias fluviais e marítimas; 9.º a estabelecer impostos sobre os grupos da população que não tenham sido expropriados; 10.º a organizar, no interesse de toda a colectividade, as trocas comerciais com os países vizinhos; 11.º a organizar uma guarda operária ou um exército vermelho, baseando-se sobre o princípio do *serviço obrigatório* para os trabalhadores, sem o que todo o peso da luta cairia exclusivamente sobre os elementos avançados; 12.º enfim, a ocupar-se duma repartição regular das forças, do material e dos recursos em todo o território, de que dispuser a classe operária.

¿A classe operária pode subsistir e conduzir com êxito a luta, sem ter realizado praticamente todos os pontos do programa que acabamos de indicar? Evidentemente não. Ora, este conjunto de organizações e de instituições que realiza a defesa da revolução, o cumprimento das vontades do proletariado, que alarga e fortifica as posições tomadas, que cria novos métodos e formas de luta contra os nossos inimigos de classe, que se ocupa da produção e da repartição dos produtos,—tudo isso no seu conjunto chama-se o Estado operário ou a ditadura do proletariado.

¿ Quem cuidará da realização de todos estes trabalhos? Os Conselhos de deputados operários, os Sindicatos, os *Comitês* de fábricas e de oficinas, fortemente unidos por um unico e mesmo programa, por uma unica e mesma tática, por uma unica e mesma vontade. Nós pensamos que este programa, esta tática serão comunistas e que a alma do movimento será o Partido Comunista; vós pensais que o programa e a tática serão anarquistas ou sindicalistas-anarquistas, é o vosso direito. Não esqueçais todavia que a nossa teoria se apoia numa experiência que dura já há cinco anos, na Revolução russa que se estende a um sexto da superfície do globo terrestre e atinge uma população de 150.000.000 homens. A vossa teoria é baseada na luta dos sindicatos operários de França e de Espanha adentro do quadro do regime capitalista, e numa *profunda crença* na certeza das fórmulas anti-estatísticas. Permitti-nos, até á confirmação da vossa prosaica teoria duma revolução social num dos países que dependem do sindicalismo revolucionário, permitti-nos que conservemos a nossa «falsa» teoria da necessidade dum Estado operário, isto é, da ditadura do proletariado, para a época de transição entre o capitalismo e o socialismo.

Notai-o bem, camaradas, nós não somos metafísicos. No

dia em que demonstrardes praticamente que podeis fazer melhor e mais depressa, sem violencias, mantendo todas as liberdades individuais, sem ditadura e sem coacção—que podeis fazer, digo, a revolução social—seremos os primeiros a aplaudir o vosso bom exito e perante todo o mundo declararemos que não tinhamos razão em duvidar da exactidão da vossa teoria. O proletariado russo sentir-se-ia feliz se vos visse realizar o mais cedo possível a revolução segundo o vosso método. Nós demos o sangue do nosso coração e a medula dos nossos ossos pela revolução. Fizemos o que pudemos. Faizei vós melhor! Não somos invejosos, não somos nacionalistas, viremos, de coração aberto, submeter-nos ás vossas lições.

Desaparecimento do Estado

O Estado operario, como vimos acima, tem funções provisórias e constantes. Provisórias são todas as funções e todos os órgãos necessários para esmagar a resistência das classes dirigentes; isto é, órgãos que continuam a luta de classes, e são: o exército, os tribunais, a milícia e as leis que comporta a sua existencia.

O caracter de constancia pertence á produção, á instrução, á repartição dos produtos, á estatística, etc.—numa palavra a tudo o que é necessário para manter o funcionamento normal do organismo social. A medida que se alarga o campo da revolução social e a organização da produção sobre novas bases, á medida que a população se torna uma população de trabalhadores, á medida da desapareição das classes, o órgão de opressão duma classe por outra, isto é, o Estado, vai desaparecendo. De sorte que quanto mais rápido fôr o processo da revolução social, mais poderoso e bem organizado estiver o proletariado, mais elevado fôr o seu nivel de organização técnica,—mais curto será o periodo de transição e mais breve a existencia do Estado. A transição será mais longa para o país que primeiro tiver feito a revolução social, e este periodo será mais curto no ultimo país que a efective.

¿Quem desempenhará as funções constantemente necessárias á existencia, na sociedade que atingir todo o seu desenvolvimento socialista? Serão os órgãos saídos das formações económicas do proletariado. Os agrupamentos políticos, os partidos políticos, tais como existirem antes da revolução social e durante o periodo transitorio, desaparecerão. Desaparecerão porque o *partido politico não é sendo um instrumento para a luta de classes* e quando as classes estiverem suprimidas, o instrumento já não tem razão de existir.

Isto pode parecer estranho áqueles que imaginam que os partidos políticos são uma invenção do diabo ou uma aber-

ração da natureza. Mas não o deve ser. Há centenas e centenas de anos que em todos os países se travam lutas entre partidos; e os partidos operários só entraram em scena há algumas dezenas de anos. Todos os partidos, no seu conjunto, representam a incessante luta de classes. Cada partido representa os interesses da sua classe ou da sua camada social. Os partidos operários não representam todos os interesses da classe operária: uns dão a expressão do seu conservantismo, da sua inércia, dos seus prejuizos, da sua ligação com a sociedade burguesa (partidos reformistas); outros exprimem a sua essência revolucionária, a sua sede de combate, o seu desejo de construir uma nova sociedade baseada no trabalho (partidos comunistas). Alguns partidos comunistas representam e exprimem melhor a essência revolucionária, as tendências revolucionárias; outros dão-lhe uma expressão enfraquecida. Isso depende da posição do movimento operário em tal ou tal país.

Com a desapareição das classes deve, pois, produzir-se a supressão dos partidos. O sindicalismo ficará então só? Não, não será o sindicalismo, serão os sindicatos que subsistirão; e há nisso uma grande diferença.

O sindicalismo é uma teoria de luta de classes que não agrupa, tanto como os partidos, senão uma insignificante minoria da classe operária. Na sociedade socialista haverá teorias, escolas filosóficas, etc., mas tudo isso segundo principios novos. As teorias não caem do céu, mas crescem, saem da terra, das relações económicas, da vida e da luta que guiam os trabalhadores. Assim, a sociedade comunista tem por base um sistema económico radicalmente diferente do sistema actual; então novas teorias devem surgir. Quais? Quem viver verá.

Os sindicatos e a Revolução social

Que papel devem representar os sindicatos na revolução social? Quando se lança esta pergunta, obtém-se respostas variadas,—dependendo do ponto de vista geral de quem as produz. Uns crêem que esse papel será exclusivo, único; outros presumem que esse papel será subsidiário; outros emfim pensam que será um papel inteiramente subalterno. Mas qualquer que seja o ponto de vista, cada um compreende que, sem os sindicatos, a revolução social é impossível. Donde o nosso esforço perseverante para conquistar, custe o que custar, os sindicatos, para os arrancar á influência dos reformistas. Os sindicatos participam na destruição da velha sociedade e na construção dum mundo novo.

O papel, a significação e o peso dos sindicatos na revolução social dependem: 1.º da densidade do proletariado in-

dustrial no país; 2.º da solidez, da energia e da estabilidade dos sindicatos; 3.º da quantidade dos operários agrupados nos sindicatos; 4.º da relação que existe entre a população industrial e a população agrícola; 5.º das relações mútuas entre os operários duma parte e doutra parte, o pessoal técnico e os empregados; 6.º da duração da guerra civil; 7.º da solidez, da energia e da estabilidade dos partidos políticos revolucionários; 8.º da estrutura dos órgãos imediatos de luta revolucionária (Soviets, Conselhos de fábricas, etc.); 9.º da situação internacional do país.

Basta reflectir nos diferentes pontos que vimos de enumerar para se comprehender quão ridículo seria procurar estabelecer uma lei unica para todas as revoluções e proclamar que o papel dos sindicatos exclui todas as outras organizações durante e depois da revolução social. O papel e os métodos de acção dos sindicatos não serão, na Alemanha ou em Itália, os mesmos que na Russia; na França e na Inglaterra, os sindicatos occuparão posições diferentes; é necessário atender a esta particularidade, que os sindicatos ingleses agirão segundo o character específico do trade-unionismo.

Mas nesta diversidade há laços comuns; há designadamente uma estreita relação de classe entre os sindicatos e as instituições (o Estado) que serão criadas pela classe operária para o periodo de transição. O papel do *Comité des Forges* e outras organizações análogas em França, sob a Terceira Republica, não é o mesmo que o dos *Comités* alemães de empresas ou o dos sindicatos e dos *trusts* na América. Mas cada uma destas organizações de empresas sabe que todo o aparelho governamental está posto ao serviço da sua classe. Notamos alguma cousa de semelhante no Estado operário do periodo de transição.

Se se tiver tudo isto em conta, fica-se admirado de ver que o camarada Besnard queira exigir que os sindicatos russos se voltem contra a politica do governo sovieta. O relatório da delegação franceza em Berlim afirma que o representante dos sindicatos russos deu sobre este assunto uma resposta absurda. Na idea dos sindicatos russos duvido que possa haver pontos obscuros sobre este assunto. Nós, intérpretes das aspirações dos sindicatos da Russia, estamos completamente solidários com o nosso governo sovieta.

As faltas que elle possa cometer são igualmente as nossas e assumimos a sua responsabilidade moral. O camarada Besnard não faz idéa do que exige dos sindicatos russos. Esforçar-me-ei por vos fazer comprehender o que resultaria para o movimento operário mundial se os sindicatos russos agissem segundo as concepções de Souchy, de Borghi e de Besnard.

Colocando-nos no ponto de vista da Conferência de Berlim, seríamos forçados a empreender imediatamente a luta

contra o governo sovieta e os Sovietes, porque os Sovietes são a forma do nosso Estado operário. Durante a revolução não se combate com moções, mas a tiros de canhão e de espingarda. Então começar-se-ia uma guerra sem tréguas no seio da própria classe operária, e até do Exército Vermelho. Como resultado a revolução ir-se-ia por água abaixo e abríamos largamente as nossas portas á contra-revolução.

Agora, não é difícil resolver o seguinte problema: Por dois meses de vigência da Comuna, Paris, só, pagou «as suas faltas» com 30:000 cadáveres de prolétários. ¿Quantas centenas de milhar de vítimas contaria o proletariado russo pelo regime dos Sovietes que se mantem ha quatro anos e meio no território da Rússia inteira? E, em segundo lugar ¿quantas dezenas de anos retardaria o movimento operário internacional se a Revolução russa fôsse esmagada? ¿E em nome de que se fariam estas hecatombes? Para satisfação dos gostos delicados dos anarquistas Souchy e Borghi. E' de temer que o proletariado russo se recuse a admitir toda esta metafísica perigosa para êle e prossiga no caminho que traçou e que reconheceu, pela experiência e provas do combate, ser o bom.

Mas, dir-me-á o camarada Besnard, não exigimos absolutamente que luteis contra o governo soviético, com as armas na mão!—Como! Não o exigis? ¿Mas não declarastes que, para vós, todos os governos se igualam, e que o Estado burguês e o Estado proletário são uma e a mesma coisa? Se é assim, é preciso lutar contra uns e contra outros por meios idênticos; e se recomendais outra tática a respeito do governo sovieta, é porque o distinguis dos outros! E, neste caso, dissei-o! Dissei-o em alta voz, claramente e sem equívocos! Basta de confusão! A confusão já durou muito!

O laço organico entre a Revolução russa e o movimento internacional

A revolução social não poderá vencer se se confinar nos limites das nacionalidades, porque abala não tal ou tal regime, mas o sistema capitalista inteiro. Imediatamente depois da Revolução de outubro, parecia que o movimento operário, em todos os países, se desenvolveria com uma tal força que o capitalismo tinha os seus dias contados. Em fins de 1918, em 1919 e durante a primeira metade de 1920, a Europa estava em ebulição como uma caldeira gigantesca, mas o capitalismo pôde resistir e principalmente por esta razão que, na luta, os interesses corporativos sobrepujaram em toda a parte os interesses gerais da classe operária e que os interesses nacionais prevaleceram aos interesses internacionais.

Neste ultimo caso é necessário reconhecer a hereditarie-

dade da época precedente durante a qual as Internacionais, tanto políticas como sindicais, eram apenas *bureaux* de mútua informação e não órgãos de acção internacional. As organizações operárias de cada país estavam inscritas *por pura formalidade* na Internacional, e a sua tarefa não ia até agirem sôbre o plano internacional. A teoria da defesa da pátria dominava nas Internacionais políticas e sindicais e *dahi* saiu, com uma lógica inflexível, a política de guerra dos partidos políticos e dos sindicatos.

Os reformistas, durante a guerra, applicaram a sua teoria da colaboração de classes. Mas como puderam chegar a este aviltamento os dirigentes da Confederação Geral do Trabalho, que muitas vezes haviam declarado que este organismo adoptava um ponto de vista anti-patriótico e anti-militarista? A Confederação Geral do Trabalho desceu ainda mais baixo do que os partidos socialistas, e a aliança organica entre os reformistas do partido socialista e dos sindicatos —aliança que permite a êsses políticos manter nas suas mãos os organismos operários d'este país—foi constituída na lama, no sangue e na traição.

As duas Internacionais foram mortas pelo primeiro tiro de canhão, se bem que o ministro de Sua Majestade o rei da Bélgica conserve a lembrança da II Internacional e Karl Legien, com um zêlo ridículo, guarde piedosamente a chave da caixa postal em que se podia ler: «Secretariado Internacional dos Sindicatos».

Durante os primeiros tempos pôde-se acreditar que a própria idea da Internacional tinha sido definitivamente morta, mas isso não passava duma aparência. Com effeito, no turbilhão ensanguentado da guerra nasceu o verdadeiro internacionalismo, que foi a ancora de salvação para a classe operária embrutecida pela batalha.

Apesar do rápido desenvolvimento das ideas internacionalistas em todos os países, o nacionalismo, ao findar a guerra, mantinha ainda estreitamente apertada nos seus braços a maioria das organizações operárias. A Revolução russa originou uma tal explosão de simpatia de classe que os próprios reformistas sentiram a necessidade de criar uma Internacional e de enviar, de quando em vez, cartas de felicitações á Revolução russa.

Assim surgiram, no princípio de 1919, a II Internacional e a de Amsterdam. Estas duas organizações podem ser afoitamente denominadas as Internacionais dos nacionalistas, porque cada uma das suas partes constituintes se liga de mais perto á *sua* burguesia do que ao proletariado dos países estrangeiros. Podiam estas duas Internacionais satisfazer os operários revolucionários de todos os países, e, em particular, daquele que primeiro arvorou a bandeira da revolução social? Não, de forma alguma.

Emquanto não se matar na alma do proletariado o nacionalismo, a vitória do proletariado sobre a burguesia torna-se impossível. Para matar o nacionalismo é essencialmente necessário que a luta revolucionária seja guiada em conjunto pelos operários de todos os países contra a burguesia de todos os países. Os interesses da revolução social exigiam que se criassem instrumentos internacionais de defensiva e de ofensiva;—eis porque o Partido Comunista russo tomou a iniciativa de constituir um estado maior mundial do movimento comunista, e os sindicatos russos se encarregaram da iniciativa duma organização internacional dos sindicatos revolucionários.

A Internacional sindical, seus inícios, suas forças

A ideia da III Internacional nascera muito tempo antes da duma Internacional revolucionária dos sindicatos. Zimmerwald e Kienthal são os pontos de origem da Internacional Comunista, que se constituiu definitivamente no princípio de 1919. Pouco depois da Revolução de Outubro, afigurava-se-nos já possível trabalhar *no interior* da única Internacional sindical. Mas a participação dos representantes dos sindicatos nas conversações de Versalhes, a Conferência dos sindicatos em Berna (Fevereiro de 1919) e o Congresso de Amsterdam (Julho de 1919), depois, mais tarde, a Conferência internacional de Washington mostravam a necessidade dum centro fixo do movimento sindical mundial.

Este centro foi constituído em Julho de 1920 pelos sindicatos da Rússia, da Espanha, de Itália, da Yugo-slávia, da Bulgária e da minoria da C. G. T. francesa. Oh! ironia da sorte! Foi o representante da Confederação Espanhola do Trabalho, Pestaña, quem connosco assinou a resolução fundamental em que se fala da ditadura do proletariado e da colaboração com a Internacional Comunista! Agora o camarada Pestaña, levanta-se violentamente, categoricamente, contra estes dois pontos e é partidário duma Internacional sindical anarquista.

A Confederação Italiana do Trabalho que, representada pelo camarada D'Aragona, assinou a mesma declaração, depois do declínio da onda revolucionária em Itália escutou os conselhos de Amsterdam, onde encontrou o repouso eterno do reformismo.

Desde Junho de 1920 até o primeiro Congresso (Julho de 1921), o Conselho internacional dos Sindicatos revolucionários conseguiu reunir quasi todas as organizações sindicais revolucionárias do mundo, graças ao que o primeiro Congresso pôde estabelecer os fundamentos sérios duma nova or-

ganização que, depois do Congresso, recebeu o título de Internacional Sindical Vermelha.

Os assuntos que principalmente ocuparam a atenção do Congresso foram: questões de organização e problemas complexos de estratégia internacional de classe. O Congresso discutiu com cuidado a questão do *contrôle* operário e dos conselhos de fábricas e elaborou um programa de acção sobre as bases da experiência revolucionária de todos os países, partindo do princípio da acção directa das massas contra o capital e o Estado burguês, da destruição do regimen burguês pela violência e do estabelecimento, durante o periodo de transição, da ditadura do proletariado.

A partir do 1.º Congresso as forças da Internacional sindical não deixaram de aumentar. E' verdade que sofremos perdas. A Confederação Geral do Trabalho Italiana deixou-nos; fomos abandonados pelos sindicalistas franceses; mas em compensação o número dos nossos partidários aumentava constantemente em todos os países. *Não há um unico pais do mundo*, compreendendo o Extremo-Oriente, onde não tenhamos pelo menos uma minoria nos antigos sindicatos, uma federação isolada ou uma central sindical.

Foi assim que, nos ultimos tempos, se filiaram na Internacional sindical os sindicatos de Java, a minoria da C. G. T. do Japão, alguns sindicatos chineses, etc. Na Europa Central, particularmente na Alemanha, o número dos nossos partidários aumenta rapidamente. Bastará salientar que na Alemanha temos nos antigos sindicatos, aproximadamente 2.500:000 partidários.

Na América faz-se notar um formidável acréscimo das ideas revolucionárias. Nos países dessa parte do mundo, muitos independentes e toda uma série de organizações que pertencem á Federação Americana do Trabalho, vêm para nós. Não há uma unica organização filiada na Central sindical de Amsterdam, em que não contemos uma sólida minoria e, em certos países, uma maioria *efectiva*. Convém salientar que o facto de pertencer á Internacional Sindical Vermelha é, nalguns países, motivo suficiente para a dissolução forçada dos sindicatos e para o terror branco (Yugo-slávia, Romenia, Finlândia, Estónia, Letónia, Lituania, Polónia); e todavia os sindicatos vêm para nós.

E aqui está porque nós, quando os homens de Amsterdam por um lado, e os anarquistas por outro, afirmam que a Internacional Sindical Vermelha não existe, respondemos:

«Se a Internacional Sindical Vermelha não existisse, vós e a burguesia não a odiáveis a tal ponto.» Agrupamos actualmente, sem contar a França, 16 a 17 milhões de proletários no mundo. Observamos também que esta força não cessa de aumentar, enquanto as forças de Amsterdam não cessam de

diminuir: tomámos-lhes o exército com o qual contavam bater-nos.

Autonomia e independência nacionais

Parecia que tínhamos chegado a um acôrdo completo sobre os limites da autonomia. As reservas feitas pelo grupo dos delegados franceses tinham um caracter sobretudo prático; em todo o caso, ninguem, entre eles, fez da autonomia e da independência o uso que mais tarde fizeram alguns representantes da C. G. T. U. Da resolução tomada no Congresso sobre as relações recíprocas entre a Internacional Comunista e a Internacional Sindical Vermelha, fizemos então, em Moscovo, duas aplicações práticas.

A primeira foi o restabelecimento da situação na Italia. Sob a minha presidência reuniu-se uma assemblea dos representantes do «Comité» Central do Partido Comunista de Italia (Gennari e Terracini) e da União Sindical Italiana (Vecchi e Mari); e as duas partes firmaram um acôrdo sobre o trabalho em comum para a conquista da Confederação Geral do Trabalho e para uma acção comum contra a ofensiva da reacção.

Segundo acôrdo foi assinado entre os representantes do Partido Comunista espanhol e os da Confederação Nacional do Trabalho. Efectivamente um certo numero de sindicatos que pertencem á organização reformista, União Geral dos Trabalhadores, foram conquistados pelos comunistas. Restava saber se estes grupos deveriam sair da Confederação reformista para entrar na organização revolucionária. Sobre este ponto as duas partes acordaram que os sindicatos comunistas não tinham que sair, nessa ocasião, da C. G. T. reformista, mas deviam coordenar a sua acção com a Confederação Nacional do Trabalho. Notai bem que eram acôrdos mutuos e feitos de bom grado. Ora, dizei-me, estes acôrdos contrariavam, numa medida qualquer, os interesses do movimento operário destes países? Certamente que não. Só fixavam e precisavam as relações recíprocas.

E, enfim, quando recebemos o primeiro protesto da minoria da C. G. T. francesa contra a resolução que se tinha tomado, enviámos ao Congresso de Lille um officio no qual protestavamos contra a alteração do sentido das resoluções tomadas. Para maior clareza, propusemos aos intransigentes da delegação francesa, procurar-se uma fórmula aceitavel para os sindicalistas franceses. Eis o que diz a resolução que traz a assinatura de Sirolle, Labonne e outros camaradas: A idea mater da revolução é a coordenação de todas as acções revolucionárias em cada país. O Congresso Constitutivo não prescreveu a todos os países as mesmas formas de coordenação. O que importava antes de tudo a

todos os delegados, era a unidade de acção, cujas formas deviam ser definidas, elaboradas, precisadas, segundo as particularidades dos movimentos sindicais e comunistas em cada país. Em nenhuma das resoluções votadas se encontra a idea de conquistar o movimento sindical para o comunismo. Cada país deve procurar particamente as formas de ligação para a acção revolucionária; fica, aliás, bem entendido que as considerações internacionais devem ser a base de todos os acórdos entre os sindicatos e os partidos.

«Se, em França, os sindicalistas e os comunistas criarem, para todas as acções ofensivas e defensivas, uma comissão mista ou um *Comité* de acção tendo por fim concentrar toda a energia revolucionária, utilizar todas as forças de propaganda e de agitação para realizar o objectivo comum, os sindicalistas agirão em conformidade com as resoluções do Congresso Constitutivo da Internacional Sindical Vermelha».

Depois disto, supusemos a questão regulada; estávamos longe, porém, de nos entender: ela recomeçava. Os nossos camaradas franceses tomaram por alavanca da opinião sindical a autonomia e a independência e partiram em campanha contra a Internacional Sindical Vermelha, a Internacional Comunista, o governo soviético, a ditadura do proletariado, etc... Para mim, que conheço bem o movimento sindicalista francês, a questão duma ligação orgânica com o Partido é apenas um pretexto. Aqueles que sabem ler podiam rapidamente verificar que a Internacional Sindical *não exigia* o estabelecimento dessa ligação; desde que na resolução se dizia que é *desejável*, não se podia interpretar no sentido *obrigatório*. Tratava-se sómente, sob a apparencia de autonomia nacional, de se reservar uma independência absoluta a respeito da Internacional e a liberdade completa de acção contra todas as decisões que fossem tomadas. Isso significava que se pretendia receber direitos na Internacional, sem aceitar obrigação alguma; isso significava que se voltava á mais indigna época de antes da guerra, quando cada organização nacional punha os seus interesses acima dos do proletariado internacional.

Se não tivessem tido o desejo de se libertar de toda a fiscalização, mesmo moral, da parte da Internacional, teria sido difícil compreender por que voltavam sem cessar á questão da autonomia e da independência, palavras que invariavelmente faziam seguir dos epítetos «inteira, absoluta, completa», etc. ¿E porque hão de filiar-se na Internacional se pretendem manter uma independência absoluta a seu respeito? Talvez fosse questão de independência em relação ao partido; mas isso já tinha sido tratado dezenas de vezes; E' natural que volte novamente á baila. O caso é outro, porém: trata-se de ocupar na Internacional um lugar particu-

lar, excepcional, ou, como dizem alguns, o primeiro lugar. Ora é na luta contra a burguezia que é preciso procurar o primeiro lugar, e não por meios artificiosos.

Até que excesso foi impellido este jogo de autonomia e de independência, pode-se ver pelo seguinte exemplo:

Quando vim ao estrangeiro, em 20 de Maio último, soube que se preparava em Berlim uma conferencia. Procurei informar-me sobre essa reunião. Ninguém falava dela, nem a imprensa sindicalista, nem a imprensa anarquista, nem a imprensa comunista. Entretanto, da Holanda, da Suécia e da Itália camaradas informavam-me que se tratava de constituir uma nova Internacional. (O que era verdade, vós não o ignorais). Escrevi então de Berlim, á «Humanité», pondo claramente a questão.

Estou certo que 99 por cento dos delegados aqui presentes só pelas minhas palavras souberam da existência desta misteriosa conferência. «Ora, que respondeu a C. A. da C. G. T. U.? Declarou, em tom de irritação, que enviava lá delegados a titulo de informação (para quê? não o disse); e, finalmente, que a minha carta era «uma violação da independência e da autonomia de que o movimento sindicalista francês não pensa em desviar-se». «Uma violação da autonomia? Não é mal achada, não é verdade?»

Há precisamente um mês, a mesma C. A. votava uma resolução dirigida contra a politica interna do governo sovieta. Entre nós, na Russia, não houve ninguem que considerasse a declaração como uma violação da autonomia da Russia sovieta. E no entanto a Russia sovieta é uma potência não menor que a C. G. T. U., bastou-me fazer algumas perguntas que, mau grado meu, tiveram um caracter desagradável, para que se me lançasse em rosto a autonomia. «Devemos acreditar que são meros gracejos? Se são, temos convir que são gracejos de muito mau gosto.

Quando se dilata assim o sentido das palavras «autonomia» e «independência», surge-me uma dúvida: «a vossa participação, se vos filiardes, não será puramente formal? As relações reciprocas do Partido Comunista e dos Sindicatos não são submetidas á regulamentação da Internacional. O movimento operário internacional é muito diverso para que se possa estabelecer um regulamento unico. E se entendeis, por autonomia e independencia, a recusa duma ligação orgânica com o Partido Comunista, esta questão podia ser regulada em meia hora. Se até ao presente não está resolvida, é porque ninguém pode compreender até onde se estende a vossa autonomia e a vossa independencia. Se uma federação qualquer declarasse que era absolutamente independente da C. G. T. U. e que faria sempre e por toda a parte o que quisesse, sem dúvida não a admitiríeis na vossa organização. Di-

rieis que a independência e a autonomia da parte são limitadas pelos interesses do todo.

O mesmo se dá com as relações mutuas entre a Internacional e as suas organizações nacionais. O que reclamar uma independência ilimitada não deve entrar na Internacional. Deve ficar isolado. Terá então a autonomia «inteira, absoluta e completa».

A independência internacional

Depois da sua filiação em 1919-1920 na Internacional, os sindicalistas-anarquistas, em 1921-1922, começaram uma campanha enérgica não sómente contra a Internacional Comunista, mas também contra a Internacional Sindical Vermelha, sobre a questão da representação recíproca. Tendo mudado a sua orientação no espaço dum ou dois anos, êsses camaradas caem sobre a Internacional Comunista e negam-lhe toda a significação revolucionária. Exhumam-se os velhos clichês anti-políticos; a política é considerada como uma criação do inferno; e, além disso, como sempre nestes casos, o que se entende por política, é a cozinha parlamentar. «Ora, a política não consiste antes na luta duma classe contra outra e todo o movimento económico não é ao mesmo tempo um movimento político?»

A União Sindical Italiana e a Confederação Nacional Espanhola explicam, nas suas resoluções oficiais, a sua filiação na Internacional Comunista pela simpatia que experimentam pela Revolução Russa. Mas é uma explicação que nada explica, porque é difícil de compreender como se pode «por simpatia» renunciar aos princípios essenciais do sindicalismo-anarquista. Seria mais justo dizer que os dirigentes do movimento sindicalista-anarquista, examinando atentamente a Revolução Russa, compreenderam enfim as forças motrizes que nela residiam e, *por esta razão*, se ligaram á Internacional Comunista. Mas, em seguida, quando se produziu a ofensiva geral da reacção perante o refluxo do movimento operário, os sindicalistas-anarquistas puseram-se á procura duma teoria de inteiro repouso que pudesse mantê-los ao abrigo das dificuldades da prática. Toda a sua teoria do internacionalismo é falsa desde o começo até ao fim. É falsa, porque parte, para edificar a Internacional, das relações recíprocas dos partidos e dos sindicatos existentes em alguns países (França, Espanha, etc.). Mas em numerosos países, as organizações sindicalistas-revolucionárias representam um papel insignificante; o centro de gravidade da luta revolucionária encontra-se fora dessas organizações. Em comparação com o valor bastante modesto do sindicalismo revolucionário, o comunismo representa um papel de primei-

ra ordem no movimento operário destes países. A Internacional Comunista conta, no mundo inteiro, 2.500:000 membros, mas por toda a parte se encontram sob a sua influência dezenas de milhões de prolétarios. E aqui está porque toda a imprensa burguesa internacional segue febrilmente a actividade da Internacional Comunista.

O comunismo é uma força *internacional*. Na imensa maioria dos países, não há movimento revolucionário que não seja comunista. A vitória da revolução social não é ali possível senão sob a bandeira do comunismo. «E quereis que a *maioria* dos sindicatos revolucionários dos outros países aceite o vosso ponto de vista anti-comunista? Em nome de quê? Em nome duma abstracção, em nome da independência. A representação recíproca que foi estabelecida pelo Primeiro Congresso dos Sindicatos Revolucionários entre as duas Internacionais tem por fim a concentração de todas as forças para uma acção comum. Em nenhum país, mesmo em França, nenhuma manifestação séria contra a burguesia é possível sem uma ligação de todas as forças revolucionárias.

Mas a representação recíproca é também uma *penetração recíproca*. Por intermédio dos seus representantes, a Internacional Comunista, diz-se, dar-nos há «ordens»; poderá, como se deu com Fabre, exigir exclusões, etc. O receio que se sente de receber «ordens», testemunha concepções muito limitadas e duma absoluta incompreensão da diferença que existe entre a Internacional Comunista e a Internacional Sindical.

Tomemos alguns exemplos. Comecemos por Fabre. A Internacional Comunista é uma organização cujos membros partilham todas as mesmas ideias; tem, pois, o direito absoluto de excluir das suas fileiras aqueles que marcharem contra o programa e a tática que fixou. Se estais dispostos a marchar contra a Internacional Comunista, não há para vós nenhuma razão para vos inscreverdes no Partido Comunista; podeis ficar num partido socialista ou fora de qualquer partido. A Internacional Sindical Vermelha é uma organização com outras bases e, por consequência, a situação aí é diferente. Antes de tudo, a exclusão da Internacional Comunista não significa a exclusão da Internacional Sindical Vermelha. Foi assim que, durante a Conferência de Génova, soubemos que o secretário geral da Central Sindical da Noruega, Ole Lian, fôra a Génova na qualidade de conselheiro técnico do governo burguês da Noruega. Por essa época a situação da organização norueguesa não estava ainda definida. Ainda não tinha havido referendão. A organização pertencia de facto a Moscovo, mas, dependia ainda de Amsterdã. Nós não nos pronunciámos sobre o assunto. Mas a Internacional Comunista excluiu do número dos seus membros esse secretário geral, considerando que os que pertencem

cem ao Partido Comunista não devem encarregar-se de semelhantes funções.

Outro exemplo: durante a sublevação do mês de Março de 1921, na Alemanha, os sindicalistas alemães não sómente recusaram reunir-se aos operários insurrectos, mas não socorreram os operários que suportaram a fusilaria; no seu órgão oficial imprimiram até um artigo no qual censuravam asperamente a insurreição, que se produzia na «mais livre republica do mundo». Esta manifestação dos sindicalistas foi um golpe traiçoeiramente vibrado nas costas dos operários revolucionários. Pois bem, declaro-vos que se, por essa época, os sindicalistas alemães, estivessem filiados na Internacional Sindical Vermelha, teríamos enviado uma carta aberta aos membros dessa organização, declarando sem rodeios que a sua conduta era indigna duma organização revolucionária. «Tinhamos o direito de o fazer? E' o dever da Internacional. Se ela não reagir em presença de factos tam monstruosos, torna-se inutil.

Vedes, pois, que a Internacional Sindical está numa situação muito diferente da Internacional Comunista. Tudo o que se contou sobre exclusões de sindicalistas por ordem da Internacional Comunista são tolices puras e simples; mas o dever de intervenção da Internacional Sindical subsiste até no caso em que não houvesse nenhuma ligação com estas duas Internacionais.

A força revolucionária comunista tende a derribar o domínio da burguesia e a estabelecer a ditadura da classe operária. O fim da Internacional Sindical Vermelha é idêntico. «Como se poderia lutar para atingir um unico e mesmo fim sem ter ligação, ~~sem~~ coordenar as diversas actividades? Se existisse uma verdadeira Internacional anarquista, tendo uma grande influência sobre as massas, uma Internacional de acção e não de resoluções, a Internacional Sindical Vermelha deveria, para cumprir o seu dever revolucionário, esforçar-se por estabelecer uma ligação até com essa Internacional, para uma acção comum de classe.

Não sei o que pensará o II Congresso, da proposta que lhe será feita, de suprimir o paragrafo XI dos estatutos da Internacional Sindical, isto é, a representação reciproca; mas seria monstruoso que os sindicatos franceses ficassem fora da Internacional, por causa desse parágrafo. Os comunistas estão dispostos muito sinceramente, e com muito ardor, a formar bloco com os sindicalistas numa unica Internacional sindical; mas nunca permitirão que se faça da Internacional Sindical uma organização hostile á Internacional Comunista. Porque o que propõem os partidarios da autonomia internacional, «absoluta, completa e inteira», é a abertura de hostilidades contra a Internacional Comunista e o comunismo.

A internacional sindicalista-anarquista independente

Assim a teoria da «independência absoluta» leva-nos á criação duma Internacional sindicalista-anarquista. Antes de mais nada, um pouco de história.

Em 1913 foi fundado um *bureau* internacional sindicalista-anarquista com sede em Amsterdam. ¿Ouvistes falar desta Internacional durante a guerra? Quanto a mim, nada ouvi dizer a seu respeito. «Políticos» é que organizaram Zimmerwald e Kienthal, que serviram de centro de cristalização para as fôrças revolucionárias.

Em Dezembro de 1920 efectuou-se em Berlim uma conferência sindicalista, que elaborou uma declaração em seis pontos e constituiu um novo *bureau*. Este novo *bureau* não fez mais do que o antigo e foi preciso praticar sérias pesquisas para descobrir vestígios desta organização. Depois duma longa inquirição soubemos que o seu secretário era Lansink (Holanda). Após o Congresso dos sindicatos revolucionários, os sindicalistas alemães resolveram administrar algumas injeções sub-cutaneas a esse cadaver, e convidaram os representantes de diferentes organizações sindicais para o seu Congresso de Dusseldorf (Outubro de 1921). Nesta reunião encontravam-se o representante dos I. W. W., que regressava de Moscovo e passava por Berlim; Lansink, que chegava da Holanda, e o representante dos sindicatos da Tcheco-Slovaquia. Quando soube pelos jornais, neste último país, que existia ali uma organização sindicalista, foi encarregada uma comissão especial de a procurar. Esta comissão prossegue ainda as suas pesquisas, até hoje infrutíferas.

O Congresso dos sindicalistas declarou-se em favor da criação duma nova Internacional. Em Dezembro de 1921, a Conferência internacional anarquista tomou esta deliberação: «Os anarquistas agrupados nos sindicatos são convidados a sustentar todo o projecto tendo por objectivo a fundação duma Internacional Sindicalista Revolucionária»... Em Março de 1922, a União Sindical Italiana «decide (colocando-se no terreno da C. G. T. U. francesa) aderir á anunciada Conferência Internacional das organizações sindicalistas revolucionárias do mundo inteiro». Desta maneira, os italianos ligam-se á iniciativa dos franceses e a C. A., no seu relatório, declara que adere á iniciativa dos italianos.

Depois dos factos que acabamos de enumerar conhecemos os iniciadores dessa Conferência. E' uma Conferência preliminar para entendimento com a I. S. V., dizem uns; é uma Conferência preliminar para a fundação duma nova Internacional, dizem outros. ¿Qual era a posição da C. A. nesta questão? A principio, não quis ouvir falar da I. S. V. Por-

quê? Encontro a explicação dessa conduta nas seguintes palavras de Colomer: «Designaram-nos entre os membros da Comissão administrativa e como não tínhamos dissimulado o nosso ponto de vista federalista, anti-político, libertário, durante todas as sessões do Congresso, julgámo-nos autorizados pelos próprios delegados que nos tinham chamado a colaborar na gestão da C. G. T. U., a lançar francamente a nova organização confederal, com todas as nossas forças, custe o que custar, sob o sol reconfortante da Anarquia. «Veja-se o *Libertaire*, n.º 179).

As minhas felicitações por esta franqueza. Mas porque se desencadeou tanta animosidade contra os comunistas, acusando-os de orientar a C. G. T. U. para o comunismo? Mas, vamos mais longe. A tarefa consistia em que era necessário reunir-se para elaborar um ultimatum á I. S. V., e em seguida convocar um Congresso dos Sindicalistas. Aqui, cedo a palavra á C. A.

«Pertencê-lhe determinar as condições duma adesão colectiva dos movimentos sindicalistas nacionais a uma Internacional.

«Quando no seu seio se encontrar a fórmula geral exprimindo essas condições, submetê-la á I. S. V., que terá bastante tempo para a examinar e responder antes do 1.º de Setembro.

«Nessa ocasião, de posse da resposta negativa ou afirmativa da I. S. V., o Congresso que se tem em vista, reunir-se ha para examinar essa resposta e decidirá, *com todo o conhecimento de causa*, ou aderir á I. S. V., ou constituir uma Internacional Sindical, conforme a I. S. V. aceitar ou recusar o ponto de vista da Conferência preliminar.»

Esta frase prova que se preparava metódicamente uma scisão no movimento sindical internacional. E esta scisão devia ser o resultado da não aceitação de exigências inaceitáveis. O desejo de provocar, apesar de tudo, uma scisão é manifesto quando se examinarem os seguintes pontos da resolução tomada pela União Sindical Italiana:

«—Exclusão da Internacional Sindical, dos sindicatos ou agrupamentos sindicais maioritários que aderem á organização amarela de Amsterdam, mesmo que seja por intermédio das Federações profissionais;

«—Limitação da actividade e da direcção da Internacional Sindical aos problemas e á acção de character internacional;

«E reclamam que o próximo Congresso da I. S. V., no qual deverão ser discutidas as condições expostas na resolução Giovanetti, se realize na Europa ocidental e que a sede do futuro *Comité* Executivo da I. S. V. seja fora da Rússia, aceitando ao mesmo tempo a proposta da Confederação Geral do Trabalho francesa de organizar uma conferência in-

ternacional, sindicalista-revolucionária, para um acôrdo sobre todos estes pontos.»

O primeiro ponto significa que se quer excluir da Internacional Sindical todas as minorias que ainda se encontram nos velhos sindicatos, isto é: 2.500:000 operários alemães; 400:000 italianos; 500:000 tcheco-slovacos; 300:000 polacos, etc.; — e isto pela unica razão de que não fizeram scisão e continuam a luta no seio dos velhos sindicatos. Os sindicatos italianos preservaram-se de emitir esta proposta há seis meses; porque então os proprios sindicalistas revolucionários franceses que ainda se encontravam na antiga Confederação do Trabalho seriam excluidos. Agora que os sindicalistas franceses criaram a sua C. G. T. U., pode-se fazer esta proposta para excluir da Internacional os operários não-sindicalistas. Este estratagema tem o vosso aplauso?

Quanto ao segundo ponto, o seu absurdo é de tal forma evidente que não precisa de comentarios. Eis, com efeito, o sentido verdadeiro deste artigo. Faremos tudo o que nos agradar, e a Internacional não terá o direito de dizer de sua justiça. E como *nenhuma* acção internacional é possível fora da actividade das organizações nacionais, a Internacional torna-se um fantasma.

No que diz respeito ao Congresso fora da Russia, já propusemos á União Sindical Italiana a sua convocação para Milão. Aceitariamos de bom grado a idea de o convocar para Paris, mas como não temos possibilidade de obter vistos de entrada em França para todos os delegados, nem sobretudo de garantir a segurança do Congresso, — ¿para que vos entregais a processos de demagogia indignos de vós?

Teria que dizer o mesmo sôbre a séde do futuro *Comité Executivo da I. S. V.*» Gostaria de saber onde, em que país, poderia agir livremente uma Internacional Revolucionária.

Todas estas propostas demonstram que a fracção de Borghi prefere qualquer govêrno burguês ao govêrno sovieta. Bom proveito! A própria Conferência foi preparada com as reservas dum carácter muito particular. A C. A. da C. G. T. U. respondia á Internacional nos seguintes termos:

«Convidada a examinar a vossa proposta, a C. A. da C. G. T. U., na sua sessão de 28 de Abril de 1922, decidiu levar ao vosso conhecimento que já está munida *duma convocação com todas as Centrais Sindicais, compreendendo a da Russia*, para uma Conferência preliminar, onde será discutido o problema da Internacional sindical.

«A seguir á vossa carta, escrevemos pelo mesmo correio á União Sindical Italiana, encarregada das convocações, que se digne tomar Berlim como sede da Conferência em questão e isto para *facilitar a presença da Central Sindical Russa.*»

Conclui-se desta carta que a Central Russa era convocada com direitos iguais ás outras Centrais, contudo foi tam-

bem convocado como membro da Conferência, *provido dos mesmos direitos*, o grupo berlinense dos sindicalistas-anarquistas russos, que, para realce da sua importancia, recebeu o titulo sonoro de «minoría russa»; e a Central Russa convocavam-na para responder, como acusada, ao seguinte requisitorio: «Os crimes do governo soviético e do proletariado russo contra a revolução social». Os procuradores, nesta causa, eram Mratchny e Chapiro, que trabalharam tanto no movimento sindical da Rússia, como Lecoin, Besnard e Totti no da China; levantaram-se outros acusadores tais como Souchy, Borghi, e outros grandes revolucionários da eloquencia. Para mais ampla informação (alguns delegados da C. G. T. U. transportaram-se a Berlim para colherem aí essa «informação») recusou-se admitir aqueles cujo ponto de vista differia do de Borghi e de Souchy; seguiu-se a saída dos representantes da Central Sindical Russa. Todavia, a Conferência prosseguiu os seus trabalhos.

Digamos alguma cousa da «alma» desta Conferência, dos sindicalistas alemães. Quando na Alemanha e noutros países onde se tem algumas noções de geografia, se soube que os sindicalistas alemães se arvoraram em representantes do proletariado revolucionário da Alemanha, explodiu uma gargalhada geral. Não tenho intenção de vexar os membros deste Congresso, mas devo dizer a verdade.—«Ahi têm a C. G. T. U.»—disseram os camaradas que pouco conheciam a vossa joven organização; ahi a tem, são exactamente como os sindicalistas alemães; tambem ha em França sindicalistas tolstoiãos!»

Os localistas alemães

Um julgamento deste género, feito sobre a vossa conduta, é perfeitamente comprehensível, porque sempre se raciocina segundo o provérbio: «Diz-me com quem andas, dir-te hei as manhas que tens.» Nestes termos, pergunto com quem vos relacionais na Alemanha? Receando ser acusado de parcialidade, vou respigar algumas citações no órgão central dos sindicalistas alemães, onde se publica a acta official do Congresso de Dusseldorf.

Um dos delegados, Dench, diz:

«Não podemos forçar os nossos membros a romper com a igreja. Temos organizações cujos dirigentes vão á missa com as mulheres e os filhos; entretanto as suas contas estão em melhor ordem do que as de alguns conhecidos ateus que desaparecem roubando muitos vezes o dinheiro dos sindicatos.»

Outro, Saner, d'Essen:

«Condenamos a conducta do «Syndicalist». Não somos partidários de rastejar perante o governo alemão.»

Outro diz:

Schumacher (Viesdorf).—«Os sindicalistas actuais não têm entusiasmo. O sindicalismo também me não satisfaz. Quasi todo o grupo é levado pela corrente amarela.»

Outro ainda:

Meller (Colônia).—«Devido á agitação dos comunistas, o número dos nossos membros desceu de 3:000 a 500. Diversos grupos já não têm senão cinco ou seis membros. Os nossos «chefes espirituais» exgotam-se em polémicas individuais, e querem arrastar-nos como carneiros.»

Prossigo:

Progonsky (Berlim).—«Em todo o «Syndicalist» já se não lê uma palavra sobre luta de classes. Nem uma palavra também sobre greve geral.»

E agora, ouvi bem isto:

Osterreich (Berlim).—«A questão essencial que mais comentários provocou entre nós foi a da «não resistência pela violência» que se propagou nos ultimos tempos. No entanto, a experiência ensina-nos que a violência é necessária. Que autoridade temos para chamar criminosos aos que não pensam como nós?»

Emfim, o anarquista Kahn (Berlim), no seu discurso diz:

«O comité dirigente tem uma grande responsabilidade na decomposição da organização. A liberdade de opinião é completamente abafada no «Syndicalist». Só se expõem as opiniões de Kater e de Winkler. O sindicalismo alemão está esgotado. Transformaram-no num pálido reflexo do sindicalismo francês. Não se quer compreender que é preciso infiltrarmo-nos nas massas.»

«No Syndicalist» apenas se canta a paz e a amizade. Devemos prestar toda a nossa atenção aos sons rudes da vida verdadeiramente proletaria. O sindicalismo deve manter uma luta cotidiana.»

E, para terminar estas breves citações:

«Freitag (Hamburgo).—« A atitude completamente pacifista da organização sindicalista, afundou-nos nos charcos socialistas, maioritários e independentes. Não podemos chamar irmãos aos capitalistas. Ponhamos de parte os sentimentalismos. Se isto continuar, iremos até á scisão.»

O redactor Winkler defende o artigo intitulado: «Os que alimentam a reacção», no qual pedia a sabotagem da acção de Março. Lamenta-se de que numerosos grupos sindicalistas rasguem as suas cartas confederais e não queiram pagar as cotizações.

Kesler, de Dusseldorf diz: «Com o artigo «Os que alimentam a reacção», o «Syndicalist» feriu pelas costas os operários em luta que caíam nas garras da burguesia e enchiam as prisões.»

Era assim que se exprimiam os delegados.

Acêrca dos delegados francêses, os alemães disseram: «Camaradas revolucionários? Isso que é? A C. G. T. Unitária? Que quere isso dizer? E acrescentavam: «São vegetarianos!» Deveis compreender que êles não são obrigados a conhecer os vossos sentimentos. Eu, que os conheço, intervim e disse: trata-se duma organização revolucionária.

Decisões de Berlim

A conferência de Berlim declarou-se inimiga de toda a violência organizada nas mãos de qualquer governo revolucionário—isto é connosco,—mas não esquece certamente que as lutas decisivas entre o capitalismo de hoje e o comunismo livre de amanhã não veem a passar-se sem colisões sérias.

«Sem colisões sérias». Reconhecem que será inevitável a violencia que condenam. Reconhecem-na em todo o caso como modo de defesa.

¿Mas a classe operária deve deixar escapar uma ocasião que lhe seja favorável, sob o pretexto de não exercer violência ofensiva?

Emfim, para fixar a sua posição perante a Internacional, a Conferência de Berlim declara que a Internacional Sindical Vermelha não representa, nem no ponto de vista dos principios nem no dos estatutos, uma organização internacional capaz de concentrar o proletariado revolucionário mundial num unico organismo de luta, e resolve nomear um *bureau* provisório dos sindicalistas revolucionários, que ficará encarregado de convocar, de 12 a 19 de Novembro de 1922, um Congresso mundial das Centrais revolucionárias. Além disso, deliberou que este *bureau* comunique ao Executivo da Internacional Sindical Vermelha as decisões da Conferência, na esperança de que as Centrais aderentes a esta Internacional assistam ao Congresso acima indicado para assentar nas bases de co-existência num mesmo organismo, de todas as forças sindicalistas revolucionárias mundiais.

E põem-nos condições absolutamente inaceitáveis. Os camaradas da União Sindical Italiana pedem que o Congresso se reúna fora da Russia. Respondemos-lhes: Estamos prontos á sua realização em Milão; podem garantir-nos contra os fascistas? (*Muito bem!*). Ou ainda podemos fazê-lo em Paris ou em Saint-Etienne, mas se não nos podem receber, camaradas, para que fazer demagogia?

Não abordei muitos assuntos, mas vou terminar salientando dois pontos. Desculpai-me se me alongo, mas deveis ter em consideração que acabo de transpor dois mil quilómetros.

Dois pontos

¿Notastes que a Imprensa burguesa francesa é contra a adesão á Internacional Sindical Vermelha? Eu notei-o bem. Gosto de ler o *Temps*, porque sabe o que quere. Quando os ferro-viários votaram a adesão condicional, êste jornal publicou sob o titulo: «Os Sindicalistas e Moscovo» um artigo em que a imprensa burguesa se manifestava contra a vossa adesão á Internacional Sindical Vermelha. O *Temps* escreve:

«O congresso dos ferroviarios filiados na Confederação Geral do Trabalho Unitária, a fracção extremista que queria submeter o sindicalismo ao comunismo (o que é inexacto porque os ferroviarios são pela autonomia) pronunciou-se em favor da adesão dêste agrupamento á Internacional comunista de Moscovo.» E mais adiante:

«Os bolchevistas não desarmam a respeito dos socialistas» e por mais que se diga que fazem concessões, para o *Temps* «os processos dos homens do Kremlin são processos odientos e de má fé.» E ainda é sempre o *Temps* que fala: «E' êste bando de scelerados, prosseguindo sistematicamente a sua obra de espoliação, que se convida os trabalhadores a manter, pela adesão em massa á III Internacional, que não é senão o instrumento pelo qual os bolchevistas esperam realizar, em seu exclusivo proveito, a revolução universal.»

Camaradas, eu sou do bando dos scelerados, e não o deixo.

A revolução não é uma brincadeira. Ela apodera-se de tudo. Apodera-se do nosso cérebro, apodera-se das nossas forças, apodera-se de tudo o que tendes na alma e no coração. E quando se está em luta com o mundo inteiro, pode haver camaradas revolucionários que digam:—«Queremos a liberdade nesse país, queremos sovietes sem comunistas?» Se alguém dissesse aqui: «Queremos sindicatos sem sindicalistas revolucionários», atalhariéis logo: «Nessa não caímos nós!» (*Movimentos diversos*). Porquê? Porque em cada país o movimento operário tem as suas particularidades que é indispensavel reconhecer e que nós reconhecemos quando se disputam no seio da família operária êstes dois elementos que são a alma da classe operária: os comunistas e os anarquistas. Mas os factos vencem as fórmulas.

Quando estamos em frente duma enorme dificuldade, quando estamos isolados por todos os lados, nada vos pedimos, nada exigimos. ¿A revolução russa, que contribuiu para a revolução mundial com centenas de milhares de cadaveres, exigiu-vos alguma coisa? Não. Quereis criticar-nos? Mas há críticas e criticas. No seio duma familia, disputa-se entre irmãos e irmãs, mas se se der uma bofetada ou um sôco, a scena muda de figura; e nós temos recebido muitas bofetadas e sôcos, mas sabemos guardar em caixa. Para fazer uma

revolução, camaradas, é preciso saber guardar em caixa. Mas, adiante. Se houver camaradas que acreditem que para o bem do proletariado mundial é preciso, actualmente, nas condições difíceis em que nos encontramos, atacar-nos e dizer ao proletariado russo: «Quebrai a solidariedade com o vosso govêrno», nós respondemos que não. Nós somos solidários com o govêrno dos Sovietes.

Solidarios com o govêrno dos soviets

E somos solidários, pela experiencia da revolução. Se julgais que no vosso país os politicos pouco valem, fazei-a sem êles, fazei-a sózinhos. Não vos impedimos de a fazer, nada vos exigimos, mas queremos para nós iguais direitos; não exigimos que façais a revolução como nós queremos, mas não exijam tambem que nós a façamos como vós queredes. Fazei-a, nós fizemo-la, e não é sómente para agradar a Lecoin ou Borghi que podemos esquecer as centenas de victimas sacrificadas á revolução: êsse sacrificio é uma questão de facto e não uma formula.

O camarada Colomer escreve no último numero do *Libertaire*, como já fiz notar:

«Designaram-nos entre os membros da Comissão Administrativa e como não tinhamos dessimulado o nosso ponto de vista federativo, anti-político, libertário, durante todas as sessões do Congresso, julgamo-nos autorizados pelos próprios delegados que nos tinham chamado a colaborar na gestão da C. G. T. U., a lançar francamente a nova organização confederal, com todas as nossas forças, custe o que custar, sob o sol reconfortante da anarquia.»

O nosso camarada está no seu direito de escrever isso. Não sou hipocrita, reconheço que está no seu direito. (*Muito bem!*). Mas quando o *Libertaire* diz que nós não temos o direito de falar no sol reconfortante do comunismo, replicar-lhe-hemos: «Isso é hipócrita», e nós somos contra êste género de luta na classe operária.

Estamos em presença de grandes dificuldades, e para terminar lembrar-vos-hei uma lenda de Maximo Gorki:

«Um povo atrasado vivia numa floresta sombria. Era ignorante. Rodeado de árvores por todos os lados, não via o sol. Um dia, um jovem disse: «Caminhemos para a frente, havemos de sair da floresta». E partiu com os seus companheiros. Os espinhos rasgavam-lhes os fatos, o sangue vertia, e um dêles, cansado da marcha, disse-lhe: Prometestes que o sol brilharia no mundo, que nós o veriamos brilhar saindo desta floresta; mas o caminho é arduo, já não podemos mais, preferimos ficar. Então, o primeiro rasgou o seu coração e fez dele um facho luminoso, com o qual rompeu caminho. E o povo saiu da floresta e viu brilhar enfim o sol do Comunismo.»

APENDICE

As forças da I. S. V.

A F. S. I. de Amsterdam agrupa vinte e duas organizações, das quais desanove na Europa (Belgica, Bulgaria, Dinamarca, Alemanha, Gran-Bretanha, França, Italia, Yugo-Eslavia, Letonia, Luxemburg, Holanda, Austria, Polonia, Romania, Suecia, Suíça, Espanha, Tcheco-Eslovaquia, Hungria, Palestina, Canadá e Africa do Sul). A I. S. V. distingue-se essencialmente da F. S. I. neste ponto de vista: ha muito que transpôs as fronteiras da Europa. A I. S. V. agrupa centrais nacionais, sindicatos separados e minorias, em 49 países. Além dos vinte e dois países citados, a I. S. V. tem ligações com os países seguintes: Republicas da U. R. S. S. Estados Unidos, Brasil, Chile, Perú, Uruguay, México, Irlanda, India, Australia, Grecia, Filipinas, Cuba, Portugal, Egipto, Java, Japão, China, Coreia, Lituania, Estonia, Persia, Argentina, Turquia, Noruega, Finlândia, Argelia e Tunisia. A complexidade da estrutura organica e de trabalho da I. S. V. consiste em agrupar não só as organizações inteiras, mas tambem minorias, sindicatos e grupos isolados. Todas as organizações filiadas na I. S. V. podem ser classificadas como se segue: 1) Países cujas centrais sindicais (C. G. T.) aderem inteiramente á I. S. V.: U. R. S. S. (5.200:000 aderentes), Australia (400:000), Egipto (50:000), Estonia (25.000), Persia (20:000), Java (27:000), Chile (150:000); 2) Países onde as organizações revolucionarias existem paralelamente ás centrais reformistas: França (450:000), Tcheco-Eslovaquia (230:000), Holanda, (150:000), Letonia (15:000), Belgica (15:000), Brasil (40:000), Japão (após a catastrophe sismica e as perseguições que se lhe seguiram, faltam numeros precisos), Alemanha (A União e os sindicatos independentes, 200:000), Grecia (20:000); 3) Países onde ha importantes mino-

rias, centro dos sindicatos reformistas: Alemanha (2.500:000), Polonia (50 por cento), Estados Unidos (2.000:000), Italia (50 por cento), Noruega (50:000), Suecia (40:000), Austria (100:000), Dinamarca (10:000), etc.; 4) Países que politicamente são aderentes, mas que não podem aderir á I. S. V. em rasão de obstaculos politicos: Finlandia (48:000), Yugo-Eslavia, Romenia, Bulgaria, Italia, Espanha; 5) Países onde os sindicatos teem tendencias nacionais: India, Irlanda, China, Coreia, Turquia: nestas organizações temos pontos de apoio importantes.

Se considerarmos os grandes países em que o movimento operario representa um papel decisivo (Grã-Bretanha, Alemanha, França, Estados-Unidos, Italia, União das Republicas Sovieticas, Japão) teremos o quadro seguinte: na Alemanha, forças iguais; na França, os nossos aderentes representam 60 por cento do efectivo operario organizado; na Italia, 50 por cento; na Russia, 100 por cento. Nos Estados-Unidos a luta dá-se entre nós e Gompers; a Internacional exerce ali uma influencia minima, ao contrario, a influencia da I. S. V. engloba cêrca de 2 milhões de operarios. No Japão, onde os nossos pontos de apoio são bastantes solidos, os amsterdanistas dão os primeiros passos para obterem ligações. Na Grã-Bretanha, os 20 ou 25 por cento dos operarios organizados estão sob o ascendente das nossas ideias. Se considerarmos as federações revolucionarias de industria para recorrer a nossa influencia segundo a linha vertical, teremos resultados confirmativos dos numeros citados. Considerando as coisas sob o ponto de vista da forma, a I. S. V. tem uma força numérica menor do que a F. S. I. de Amsterdam. Com efeito, em muitos países, a adesão organica á I. S. V. determinaria imediatamente um sequestro policial. Sempre que é possível, preferimos permanecer no seio das organizações reformistas (Alemanha, Grã-Bretanha, Austria).

O recenseamento dos efectivos não dá uma ideia exacta do peso especifico da I. S. V. Só se pode compreender o trabalho e a actividade da I. S. V., tendo em conta o desenvolvimento ininterrupto da I. C. e o declínio precipitado da Internacional de Hamburgo (social-democrata).

De ha muito que a I. S. V. deixou de ser unicamente um Comité internacional de propaganda e de agitação. Quer queiram, quer não, a I. S. V. e as organizações a ela aderentes são forçadas a dirigir as lutas economicas dos operarios, não só contra o patronato, como tambem contra os reformistas. A I. S. V. representa infinitamente mais que a F. S. I. de Amsterdam, uma organização internacional. Isto explica a furiosa campanha dirigida contra a I. S. V., tão intensificada no decurso destes ultimos meses.

(De *L'Activité de l'I. S. R.*,—relatorio para o 3.º Congresso.

A SEGUIR :

Resoluções do 3.º Congresso
da I. S. V.

BIBLIOTECA DE "A INTERNACIONAL,"

- N.º 1 — *Estatutos da Internacional Sindical Vermelha*, 24 pág. . . . \$60
- N.º 2 — *A ditadura do proletariado*, por Losovsky \$50
- N.º 3 — *Os sindicatos e a revolução*, Por Losovsky 1\$00

A SEGUIR :

Resoluções do 3.º Congresso da I. S. U.

A queda do capitalismo

Por Louzon

O controle sindical e os conselhos de fábrica

Por Monmousseau

O sindicalismo á luz da revolução russa

Por Maurin

O controle operario

Por Argence e Hercelet